

A CHINA NÃO ESCAPA À CRISE

por Mário Soares

A União Europeia, de há uns anos para cá, tem vindo a olhar para a República Popular da China, com grande simpatia e admiração. O crescimento económico que têm vindo a ter (e que este ano vai começar a baixar), as grandes empresas públicas, sediadas em Xangai e Pequim, fundamentalmente, a riqueza ostensiva em que vivem os gestores e os dirigentes políticos, têm deslumbrado Governos e empresários europeus. Daí que, uns e outros, tenham vindo a multiplicar as viagens de negócios ao Império do Meio e a abrir as suas economias ao investimento chinês, com bastante imprudência, diga-se.

Esquecem que a China - apesar de ser hoje a segunda economia mundial - continua a ter um regime totalitário, puro e duro. E, excluída a Coreia do Norte, por enquanto, não tem tido relações muito amigáveis com os seus vizinhos asiáticos, como: o Japão, o Vietname, a Índia e mesmo Taiwan.

Por mim, que tenho vindo a observar com atenção a interessante e original evolução da China, pelo menos, desde Tiananmen, sempre considereei que o cocktail entre um regime comunista dogmático, reconhecidamente duro, e uma economia neo-liberal de capitalismo selvagem, não pode - em princípio - dar nada de bom. As duas ideologias: o marxismo e o neo-liberalismo, estão ambas em decadência. Mais o marxismo-leninista do que o capitalismo de casino, é certo. Mas lá chegará, com pouca distância, o desgaste e a inevitável destruição de ambos. É uma questão de tempo.

Não ignoro que a audácia e habilidade política de Deng Xiaoping, mais ou menos contemporâneas da morte de Mao Tsé-Tung e do colapso do comunismo da URSS, levou a um desenvolvimento enorme da China, no plano do Estado totalitário, todo poderoso, à custa de uma sociedade ultra empobrecida, com destaque para os já pobres, principalmente rurais, e a classe média. Com algumas excepções nas grandes cidades.

Agora a sociedade em geral está a dar mostras de algum descontentamento. Porquê? Porque a China parece não escapar à crise económico-financeira global. A América do Norte a quem comprou tantos dólares, com a intenção de a pôr de joelhos, fabrica os dólares que entende e para a China a abundância de dólares começa a ser uma dor de cabeça... Quem tal diria?

Recentemente surgiu a notícia que Bo Xilai, líder da facção esquerdista do Partido Comunista Chinês, foi afastado do poder, embora tenha renunciado à luta de classes, peça essencial do comunismo. Ou seja, mais um golpe no marxismo em favor do neo-liberalismo. O modelo de crescimento chinês assenta, por enquanto, essencialmente, na mão-de-obra barata. Há uma nova geração que teme a corrupção crescente, as tremendas desigualdades sociais e as revoltas decorrentes, que parecem preocupar o actual Vice-Presidente da China, Xi Jinping.

A China tornou-se indiscutivelmente uma grande potência. Mas tem problemas internos difíceis de controlar. Veremos como a crise global económico-financeira vai evoluir na China. E a que medidas vai obrigar. Talvez os anos pacíficos que tem vivido possam vir a ser socialmente muito incómodos...

A União Europeia continua à deriva

O tempo passa, com uma rapidez incrível, pelo menos para mim, e os líderes europeus, sobretudo os da zona euro, continuam incapazes de encontrar soluções para a crise global que aflige todos os Estados-membros, mesmo os que se julgam impunes, como a Alemanha. Ora não são, como se tem visto. Agora, a surpresa das surpresas foi Chipre. Segundo dizem, os tecnocratas, que comandam a Europa, Chipre disputa com Portugal a liderança do grupo de países com mais alta probabilidade de incumprimento dos juros da dívida. Mas a famigerada agência de rating Moody's já começou a atacar Chipre, dizendo que vai seguir a Grécia...

Por outro lado, a Irlanda, até agora tão bem comportada, quer adiar o pagamento de 3,1 mil milhões de euros para 2025. Será que o BCE vai consentir?

Nesta semana os ministros das Finanças da zona euro vão reunir-se, em Bruxelas, para reforçar e fundir o FEEF (Fundo Europeu de Estabilidade Financeira) e o Mecanismo Europeu de Estabilidade (MEE), o qual - note-se - só estará activo em Julho. Vão discutir migalhas, face às necessidades, como

de costume, perdendo tempo e sem coragem de encarar as dificuldades, o que é imprescindível para resolver a crise, como sempre tenho vindo a escrever.

O Mundo está, com atenção, a seguir a falta de rumo que a União Europeia tem demonstrado. O amento do descrédito da Europa tem vindo a acentuar-se, em todos os Continentes. Mas a Senhora Merkel e os seus súbditos nas instituições europeias e os líderes dos Estados soberanos, irresponsavelmente, têm medo da Alemanha. É uma situação que lembra 1939, o encontro de Munique, de má memória, quando as chamadas democracias europeias, depois de terem entregue a República Espanhola ao Ditador Franco, ajoelharam perante o nazi-fascismo, julgando que conseguiam a paz. Uma vergonha histórica. Valeu-nos Winston Churchill, Franklin Roosevelt, De Gaulle e, depois de ser atacado, Estaline, com todas as contradições que os Aliados tinham entre si.

A história não se repete, é certo, mas as grandes Causas estão a ser sistematicamente esquecidas e as democracias, em termos europeus, maltratadas. Mau sintoma!

Falta auto-crítica ao Governo

Portugal é um reflexo do que se passa na Europa. Por mais que se queira incriminar o anterior governo Sócrates - e os Partidos do Governo não deixam de o fazer, esquecendo-se que não são eternos e atrás deles outros virão - a indubitável verdade é que a crise que nos toca é, no nosso caso, essencialmente europeia, porque a União não soube, até agora, mudar o paradigma do desenvolvimento. Ao contrário do que sucede nos Estados Unidos, onde a economia real começou, lentamente, a crescer e o desemprego a diminuir.

É sabido que, pertencendo à Família Socialista, sempre disse que tenho por Passos Coelho estima pessoal e apreço. Mas isso não me impede de criticar - como é normal em democracia - o actual Chefe do Governo pela sua política fechada e, no plano ideológico, dogmaticamente, neo-liberal. Política que, no meu modesto parecer, está, infelizmente, a levar o País à descrença, ao empobrecimento e ao desemprego, que tem vindo a crescer avassaladoramente.

A austeridade pela austeridade - esquecendo as pessoas e destruindo deliberadamente o Estado Social - está a dar lugar, na opinião pública portuguesa, a um enorme descontentamento e mal-estar que, a continuar, vai ter consequências muito perigosas.

Ser um discípulo fiel da Senhora Merkel - e com orgulho disso - quando a Chanceler da Alemanha está, com as suas políticas, a arrastar os Estados europeus - e sobretudo a opinião pública europeia - para uma profunda desconfiança, relativamente à Alemanha, não é uma boa credencial para um primeiro-ministro de Portugal. Duas guerras mundiais, no século passado, ambas desencadeadas pela Alemanha, apesar dos anos pacíficos e de bem-estar que a Europa viveu, desde o pós guerra, incluindo a unificação da Alemanha, graças à Comunidade Europeia, não é coisa que se esqueça facilmente. Por isso seria bom, em termos europeus, para Portugal, que o Primeiro-Ministro começasse a tomar as suas distâncias relativamente à Chanceler alemã, vinda e formada, não o esqueçamos, na Europa de Leste.

É urgente que o Governo português não esqueça os portugueses, sobretudo os mais pobres e os que ainda não são, mas estão a caminho de o ser. Os desempregados e os precários. Não esqueça os benefícios que todos os dias estão a perder, com o crescente desemprego, as falências em cadeia das empresas pequenas, médias, até algumas grandes e os famigerados Cortes.

O Senhor Primeiro-Ministro, no seu Congresso, falou da "Revolução Pacífica", que tem vindo a realizar. Com a devida vénia, enganou-se. Trata-se de uma Contra-Revolução, como qualquer politicólogo ou sociólogo lhe explicará. Porque o Povo não tenha dúvidas, não participa nela nem lhe agrada nada essa "Revolução" anunciada. Está profundamente contra, como não podia deixar de ser.

As reformas até agora feitas - os cortes, que atingem principalmente os mais desfavorecidos, as privatizações que o Governo fez já ou pensa fazer, vendendo a qualquer preço o nosso principal património, as nomeações ou a ausência delas, que paralisam os ministérios - não são, realmente, reformas: são contra-reformas, porque o nosso Povo não as aprova nem tolera e pior: está a ficar indignado. Tanto mais que o Governo, no seu conjunto, não tem funcionado bem, como se tem visto.

Não queira, Senhor primeiro-ministro, com a sua inegável simpatia e coragem (reconheço), passar à história com uma tal responsabilidade. Estamos a caminhar sem critério, com a austeridade - em que só ganham os mercados especulativos - a aumentar a recessão e o desemprego. Para onde caminhamos, já não digo nos próximos anos, mas sim nos meses que ainda faltam a 2012? Para mais com a criminalidade a subir e a surgirem actos, aqui e acolá, de violência...

Pacheco Pereira, insuspeito de ser socialista, num lúcido artigo publicado sábado passado, no Público, intitulado: "Está o Estado a tornar-se mais fraco ou mais forte?", escreveu, examinando o processo em causa: "há o risco real de sairmos com um Estado mais forte, mais poderoso, mais interventivo e mais autoritário". Porque, "para as Finanças não há cidadãos, mas potenciais fugitivos aos impostos". É verdade!

Uma grande escritora esquecida

O ilustre Professor Doutor Fernando Pádua, médico ilustre, teve a amabilidade de me convidar para uma cerimónia de homenagem à escritora Maria Archer, que se realiza no Teatro da Trindade na tarde de 29 de Março próximo. Aceitei com enorme honra e gosto. Na verdade conheci pessoalmente Maria Archer - que além de grande escritora era uma mulher muito bonita - quando eu estava a sair da adolescência e me começava a interessar pela literatura e pela política. Acho que foi Piteira Santos que nos apresentou, nos idos de quarenta ou cinquenta, entre os 45 e os 50 anos de Maria Archer, antes do seu exílio para o Brasil, onde permaneceu (mal) até ao 25 de Abril. Infelizmente, não a voltei a ver depois dessa data. Sei que morreu injustamente esquecida e um pouco abandonada em 1982.

Maria Archer foi jornalista e ensaísta, sobre temas africanos e uma romancista de invulgar qualidade. Nunca li os seus cadernos sobre África. Mas li - e possuo - os livros de que tanto gostei: "Eu e elas, apontamentos de romancista", "Filosofia duma Mulher Moderna", "Nada lhe será perdoado", "Herança Lusíada", já publicado no Brasil, com um prefácio de Gilberto Freire, e "Aristocratas", um dos seus mais interessantes romances. Tenho ainda outros dois livros de Maria Archer que nunca li: "África selvagem" e "Brasil fronteira de África".

As duas grandes temáticas da obra (muito ampla) de Maria Archer são os livros sobre África portuguesa, que quando jovem percorreu em detalhe (por cerca de 14 anos) e os romances sobre a libertação da Mulher, que tanto admirei na juventude e que ainda hoje aprecio.

É com grande reconhecimento que estarei no Trindade, a convite de Fernando Pádua, que só agora soube que é sobrinho dela, para homenagear a escritora, a democrata e a persistente resistente ao salazarismo.

Lisboa, 27 de Março de 2012